A 3D topographic map of South America, showing the continent's terrain with green for lowlands and brown/orange for highlands. The map is cut out from the background, showing its edges. The Amazon basin is prominent in the north, and the Andes mountain range runs along the western coast. The southern tip of the continent is visible at the bottom left.

Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)

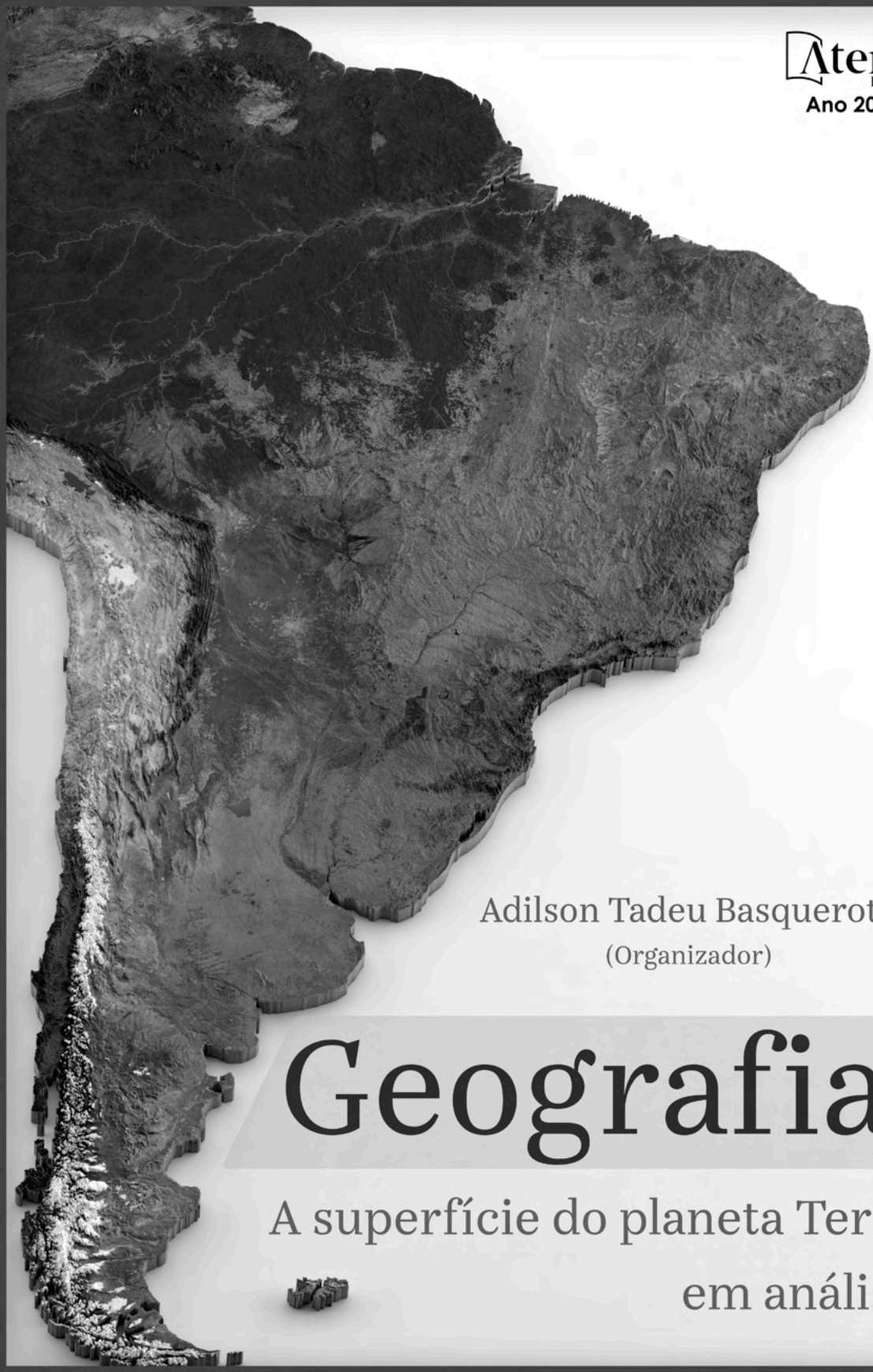
Geografia:

A superfície do planeta Terra
em análise

Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)

Geografia:

A superfície do planeta Terra
em análise



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Geografia: a superfície do planeta Terra em análise

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adilson Tadeu Basquerote

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia: a superfície do planeta Terra em análise /
Organizador Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0504-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.047220509>

1. Geografia física da Terra. I. Basquerote, Adilson
Tadeu (Organizador). II. Título.

CDD 910.02

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra: **“Geografia: A superfície do planeta Terra em análise 2”**, apresenta pesquisas que se debruçam sobre a compreensão dos fenômenos naturais e sociais nas suas distintas dimensões tendo a natureza e as ações humanas como campo de estudo e reflexão. Composto por relevantes estudos que debatem temáticas que envolvem atualidades e que permitem olhares interdisciplinares sobre a Ciência Geográfica.

Partindo desse entendimento, o livro composto por dez capítulos, resultantes de estudos empíricos e teóricos, de distintos pesquisadores de instituições e regiões brasileiras e uma cubana, apresenta pesquisas que interrelacionam Ciências Humanas às pessoas e às relações sociais no centro da observação, da teoria, da pesquisa e do ensino. Entre os temas abordados, predominam análises sobre hidrografia, identidade territorial, Estudos do rural, Geotecnologias, ontologia, Bullying, relevo, categorias geográficas, entre outros.

Nessa perspectiva, o capítulo 1, **A configuração de novos espaços de identidade territorial em áreas rurais e insulares do município de Paranaguá-PR**, escrito por Helena Midori Kashiwagi, Luciane Godoy Bonafini, Cliciane de Souza Meduna, Eduardo Nizer dos Santos e Emanuelle Gonçalves França, investigou a partir da percepção Ambiental a configuração de novos espaços de identidade territorial decorrentes do isolamento geográfico em áreas rurais e insulares do município de Paranaguá, Estado do Paraná. O estudo realizado com crianças com idades entre 9 e 12 anos evidenciou que os novos espaços de identidade se constituem pela caracterização do mundo vivido de cada indivíduo e sua relação com a natureza. Os elementos sócio-culturais da paisagem retratados nas imagens mentais evidenciaram a resignificação da paisagem e da identidade do lugar.

O capítulo número 2, **Pescadores de Ubu e Parati: o lugar, o trabalho e suas histórias**, redigido por Josilene Cavalcante Corrêa, apresenta pesca artesanal realizada por uma comunidade sediada no litoral sul do Espírito Santo para recontar fatos relevantes de seu modo de trabalho na região tradicionalmente ocupada. Como resultado, há o desejo que a pesquisa contribua para o registro da história da comunidade no lugar, no sentido de propor políticas de desenvolvimento que considerem seu modo de vida à medida que empresas e a urbanidade avançam cada vez mais sobre seus espaços de trabalho.

Caracterização dos corpos ígneos da porção sudoeste do batólito Ipojuca-Atalaia, superterreno Pernambuco-Alagoas: uma abordagem através da reflectância espectral e dados aerogamaespectrométricos, escrito por Sanmy Silveira Lima e Gabriela Menezes Almeida é o terceiro texto da obra. Nele as autoras visaram delimitar e caracterizar os principais corpos ígneos e que compõem a porção sudoeste do Batólito Ipojuca-Atalaia. Como resultado, o estudo fornece bases sólidas para o aprimoramento dos dados relativos aos plútons da área estudada.

Com objetivo apresentar uma proposta metodológica para estabelecer uma

classificação automatizada do relevo em 3 níveis taxonômicos, em ambiente de SIG, com aplicação no Uruguai, o quarto capítulo, denominado: **Proposta de classificação do relevo utilizando processamento digital em SIG: aplicação no Uruguai**, é apresentado por Romario Trentin e Luis Eduardo de Souza Robaina. Nele, os autores concluíram que a utilização das geotecnologias como os Sistemas de Informações Geográficas e a representação da superfície terrestre na forma de modelos digitais numéricos ou de MDE é um recurso de grande potencial às análises e compreensão do relevo. Com as aplicações deste trabalho foi possível descrever de forma quantitativa o relevo.

No quinto capítulo, **Caracterização da bacia hidrográfica do rio Coruripe, a partir da geração de dados de sensores remotos com o uso de técnicas de geoprocessamento num ambiente de SIG**, Sandoval Dias Duarte, José Lidemberg de Sousa Lopes, Sávio Barbosa dos Santos e Anderson Leão Moura visam compreender como um ambiente georreferenciados num ambiente de SIG, pode ser monitorado e planejado suas atividades de uso e ocupação do solo. Como resultado, comprovou-se que a aplicação das técnicas de geoprocessamento num ambiente de SIG facilitou com rapidez e precisão o diagnóstico dos tipos de usos do solo, principalmente diante das principais atividades antrópicas que existem atualmente dentro dos limites da bacia.

No sexto capítulo, Armando Falcón-Méndez, Dailly Y. Borroto-Escuela, Ana Laura Acosta-Alonzo e Adilson Tadeu Basquerote apresentam a pesquisa: **Estado actual de la faja hidrorreguladora del río Jusepe, Yaguajay, Sancti Spiritus, Cuba**, que avaliou o estado atual do cinturão hidro regulador do rio Jusepe em seu curso permanente. O estudo apontou uma lista florística que totalizou 130 espécies pertencentes a 103 gêneros e 61 famílias botânicas, com um total de 47 espécies arbóreas e que sofre com a pressão da ocupação da área.

Já o capítulo sete, escrito por Anadelson Martins Virtuoso pretendeu realizar a identificação, a análise e a classificação da cobertura e uso da terra nas Áreas de Preservação Permanente, do rio Muriaé, no município de Campos dos Goytacazes, RJ, por meio da pesquisa: **Mapeamento da cobertura e uso da terra nas áreas de preservação permanente do rio Muriaé no município de Campos dos Goytacazes – RJ**. O estudo concluiu que há predominância do uso da terra para agricultura e pastagens, assim como a quase total ausência de matas ciliares.

O texto: **Geografia fenomenológica-hermenêutica: o resgate da investigação ontológica do espaço a partir do existencial “ser-em” de Martin Heidegger** é o oitavo capítulo. Nele, Luis Carlos Tosta dos Reis e Josimar Monteiro Santos buscam compatibilizar a investigação ontológica na Geografia com a analítica do ser-aí humano, através das diretrizes do método fenomenológico de investigação contidas em “Ser e Tempo”. O estudo apontou a necessidade de se divisar um campo efetivamente fenomenológico de investigação da ontologia do espaço na disciplina, que traduz o próprio sentido e a meta fundamental de uma Geografia em bases ontológico-existenciais a partir da fenomenologia-

hermenêutica de Heidegger.

No penúltimo capítulo, **Bullying: a violência especializada**, Milena dos Santos Pereira e Clayton Luiz da Silva pretenderam conhecer o que é o bullying e como ocorre no ambiente escolar. Assim, concluíram ele pode causar sérias sequelas e até a morte, seja ela em casos de revoltas em escolas ou suicídio.

Por fim, o capítulo dez, **Riscos e perigos em praias de alta energia**, realizou uma revisão teórica acerca dos perigos e riscos presentes em praias de alta energia e que podem representar uma ameaça aos banhistas e frequentadores em geral. Nele os autores Jessyca dos Santos Araújo . André Luiz Carvalho da Silva e Leticia Fernandes Silva Alves apresentam os principais perigos e riscos de acordo com a literatura especializada.

Para mais, destacamos a importância da socialização dos temas apresentados, como forma de visibilizar os estudos realizados sob dissemelhantes perspectivas. Nesse sentido, a Editora Atena, se configura como uma instituição que possibilita a divulgação científica de forma qualificada e segura.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CONFIGURAÇÃO DE NOVOS ESPAÇOS DE IDENTIDADE TERRITORIAL EM ÁREAS RURAIS E INSULARES DO MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ-PR

Helena Midori Kashiwagi

Luciane Godoy Bonafini

Cliciane de Souza Meduna

Eduardo Nizer dos Santos


Emanuelle Gonçalves França

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205091>

CAPÍTULO 2..... 16

PESCADORES DE UBU E PARATI: O LUGAR, O TRABALHO E SUAS HISTÓRIAS

Josilene Cavalcante Corrêa


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205092>

CAPÍTULO 3..... 32

CARACTERIZAÇÃO DOS CORPOS ÍGNEOS DA PORÇÃO SUDOESTE DO BATÓLITO IPOJUCA-ATALAIA, SUPERTERRENO PERNAMBUCO-ALAGOAS: UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DA REFLECTÂNCIA ESPECTRAL E DADOS AEROGAMAESPECTROMÉTRICOS

Sanmy Silveira Lima

Gabriela Menezes Almeida


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205093>

CAPÍTULO 4..... 50

PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO DO RELEVO UTILIZANDO PROCESSAMENTO DIGITAL EM SIG: APLICAÇÃO NO URUGUAI

Romario Trentin

Luis Eduardo de Souza Robaina

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205094>

CAPÍTULO 5..... 71


CARACTERIZAÇÃO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO CORURUPE, A PARTIR DA GERAÇÃO DE DADOS DE SENSORES REMOTOS COM O USO DE TÉCNICAS DE GEOPROCESSAMENTO NUM AMBIENTE DE SIG

Sandoval Dias Duarte

José Lidemberg de Sousa Lopes

Sávio Barbosa dos Santos

Anderson Leão Moura


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205095>

CAPÍTULO 6..... 85

ESTADO ACTUAL DE LA FAJA HIDRORREGULADORA DEL RÍO JUSEPE, YAGUAJAY, SANCTI SPÍRITUS, CUBA

Armando Falcón-Méndez


Daily Y. Borroto-Escuela
Ana Laura Acosta-Alonzo
Adilson Tadeu Basquerote

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205096>

CAPÍTULO 7..... 103

MAPEAMENTO DA COBERTURA E USO DA TERRA NAS ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE DO RIO MURIAÉ NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ


Anadelson Martins Virtuoso
Cláudio Henrique Reis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205097>

CAPÍTULO 8..... 116

GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA-HERMENÊUTICA: O RESGATE DA INVESTIGAÇÃO ONTOLÓGICA DO ESPAÇO A PARTIR DO EXISTENCIAL “SER-EM” DE MARTIN HEIDEGGER


Luis Carlos Tosta dos Reis
Josimar Monteiro Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205098>

CAPÍTULO 9..... 135

BULLYING: A VIOLÊNCIA ESPACIALIZADA

Milena dos Santos Pereira
Clayton Luiz da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0472205099>

CAPÍTULO 10..... 143

RISCOS E PERIGOS EM PRAIAS DE ALTA ENERGIA

Jessyca dos Santos Araújo
André Luiz Carvalho da Silva
Letícia Fernandes Silva Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.04722050910>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 156

ÍNDICE REMISSIVO..... 157

CAPÍTULO 1

A CONFIGURAÇÃO DE NOVOS ESPAÇOS DE IDENTIDADE TERRITORIAL EM ÁREAS RURAIS E INSULARES DO MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ-PR

Data de aceite: 01/09/2022

Data de submissão: 19/07/2022

Helena Midori Kashiwagi

Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral
Matinhos – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/3191052327210152>

Luciane Godoy Bonafini

Prefeitura Municipal de Paranaguá
Secretaria Municipal de Educação
Paranaguá – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/9235512857714001>

Cliciane de Souza Meduna

Prefeitura Municipal de Paranaguá
Secretaria Municipal de Educação
Paranaguá – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/7665294902658821>

Eduardo Nizer dos Santos

Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral
Matinhos – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/5148166767536252>

Emanuelle Gonçalves França

Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral
Matinhos – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/8251170939102125>

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo investigar a partir da percepção Ambiental a configuração de novos espaços de identidade

territorial decorrentes do isolamento geográfico em áreas rurais e insulares do município de Paranaguá, Estado do Paraná. A investigação foi realizada com crianças, entre 9 a 12 anos, nas Escolas municipais do campo de Colônia Pereira e Amparo. O isolamento territorial e a dificuldade no acesso aos centros urbanos implicou o governo estadual em 1982, a criar “escolas municipais rurais” para atender a demanda local dos anos iniciais (1º ao 5º ano). Atualmente, são reconhecidas como “escolas municipais do campo”. Nessas Escolas do Campo o projeto pedagógico é diferenciado, pois busca respeitar a realidade local com incentivo as atividades lúdicas que valorizam o cotidiano das crianças. Para essas crianças do campo a natureza está presente no dia-a-dia e é apreendida pelos sentidos além da visão. Os elementos da natureza ganham novos significados nas experiências auditivas, olfativas, do tato e até mesmo do paladar. Apropriando-se do conceito de Topofilia de Tuan (1980), os conhecimentos adquirem a dimensão fenomenológica na qual a criança se conecta com a natureza por meio da relação de afetividade pelos lugares vividos. Nesse sentido, para se compreender essa reprodução de lugares que configuram novos espaços de identidade recorremos ao aporte teórico-conceitual e metodológico da Geografia Humanística em sua vertente fenomenológica, aplicando-se as vivências com a natureza da metodologia *nature sharing* de Joseph Cornell (2008) e os mapas mentais como ferramentais para coleta e análise dos dados. Os resultados dessa pesquisa nos mostraram que os novos espaços de identidade se constituem pela

caracterização do mundo vivido de cada indivíduo e sua relação com a natureza. Os elementos sógnicos da paisagem retratados nas imagens mentais evidenciaram a ressignificação da paisagem e da identidade do lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Mundo Vivido. Território. Lugar. Mapas Mentais.

THE CONFIGURATION OF NEW TERRITORIAL IDENTITY SPACES IN RURAL AND INSULAR AREAS OF THE CITY OF PARANAGUÁ-PR

ABSTRACT: This paper aims to investigate from the Environmental perception the configuration of new spaces of territorial identity arising from geographic isolation in rural and insular areas of the municipality of Paranaguá, Paraná State. The research was carried out with children, between 9 and 12 years old, in the municipal countryside schools of Colônia Pereira and Amparo. The territorial isolation and the difficulty of access to urban centers led the state government in 1982 to create “rural municipal schools” to meet the local demand for the initial years (1st to 5th grades). Currently, they are recognized as “municipal rural schools”. In these rural schools, the pedagogical project is differentiated, as it seeks to respect the local reality, encouraging playful activities that value the children’s daily life. For these rural children, nature is present in their daily lives and is perceived through senses other than sight. The elements of nature gain new meanings in the experiences of hearing, smell, touch, and even taste. Appropriating the concept of Tuan’s Topophilia (1980), the knowledge acquires a phenomenological dimension in which the child connects with nature through the affective relationship with the places lived. In this sense, to understand this re-production of places that configure new spaces of identity we resorted to the theoretical, conceptual and methodological contribution of Humanistic Geography in its phenomenological strand, applying the experiences with nature of nature sharing methodology of Joseph Cornell (2008) and mind maps as tools for data collection and analysis. The results of this research showed us that the new identity spaces are constituted by the characterization of the lived world of each individual and his or her relationship with nature. The symbolic elements of the landscape portrayed in the mental images evidenced the re-signification of the landscape and the identity of the place.

KEYWORDS: Lived World. Territory. Place. Mental Maps.

1 | INTRODUÇÃO

No município de Paranaguá, litoral do estado do Paraná, algumas comunidades situam-se em isolamento geográfico, localizadas em áreas rurais e ou áreas insulares. Distantes do centro urbano, os moradores constroem relações espaciais com o lugar, configuram novos espaços de identidade territorial, e re-produzem os lugares. Essa pesquisa se fundamenta no aporte teórico da Geografia Humanística, em sua vertente fenomenológica, para se compreender as relações de espaço e lugar e desvendar o mundo vivido de cada indivíduo. O objetivo dessa pesquisa é investigar a partir da percepção ambiental dos indivíduos a configuração de novos espaços de identidade decorrentes do isolamento geográfico em áreas rurais e insulares no município de Paranaguá-PR.

A incorporação da Fenomenologia aos estudos geográficos, dos lugares, das vinculações que unem o indivíduo aos lugares, considerando o mundo vivido nas análises, nos remete às contribuições do pensamento do filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938), considerado o fundador da Fenomenologia moderna. Para Husserl a investigação da experiência humana considerava a observação e descrição das coisas tal como elas se manifestavam em sua pureza original, daquilo que estava potencialmente presente, mas que nem sempre era visto, indo de encontro com “as coisas mesmas”. Propôs a suspensão fenomenológica que significava a suspensão de qualquer julgamento, pressupostos, nas análises dos fenômenos, considerando-os as coisas aparecidas, aquilo que aparece à manifestação da realidade, mostradas como são em si mesmas (ENTRIKIN, 1980).

A Fenomenologia para Husserl era a ciência das essências ou dos significados, na qual somente com a apreensão da essência de alguma coisa é que se apreenderia o seu significado. Uma das principais contribuições desse filósofo foi a noção de mundo vivido, o qual seria possível desde que fosse baseado na busca dos sentidos e das intencionalidades, presente em tudo que possui existência, e que se constituem em dados essenciais para a ação fenomenológica da consciência. A teoria fenomenológica husserliana influenciou diversos pensadores como, por exemplo, Heidegger, Merleau-Ponty, Sartre, Max Scheler, Gabriel Marcel, Tran Duc Tao, Niolai Hartmann, entre outros, que a divulgaram, atribuindo outros rumos (AMORIM FILHO, 1999).

Na Geografia, a Fenomenologia, torna-se uma nova dimensão aos estudos geográficos, contribuindo enquanto método de análise às pesquisas humanistas, com a valorização dos aspectos esquecidos da Geografia tradicional, como os valores culturais de um lugar (GOMES, 1996). Entre os geógrafos humanistas, destacam-se Edward Relph e Yi-Fu Tuan, os quais introduzem os princípios fenomenológicos à Geografia na busca de uma ciência mais humanizada, tornando a Fenomenologia como possível aporte teórico e metodológico para as análises geográficas (KOZEL, 2001).

Os geógrafos humanistas denominaram de Geografia do Mundo Vivido, na qual se valorize o mundo vivido dos indivíduos, cujos valores são a chave da totalidade das experiências e o lugar passa a ser um importante componente da identidade como sujeito (GARCÍA, 1992). O conceito de mundo vivido foi a maior contribuição da Fenomenologia à Geografia Humanística, na qual a intenção e experiência permitem apreender as significações do mundo tal como são dadas, captando a essência ou ideia de um objeto tal como se apresenta diante da consciência do ser individual (HERRERO, 1995).

Diante do exposto, compreender os fenômenos do mundo vivido exige do observador muito mais que uma descrição de uma evidência imediata, mas o transcender do olhar sobre as coisas para penetrar no âmago, na essência, na compreensão dos objetos que se constituem na experiência. A apreensão dos fenômenos do mundo vivido são distintas entre os indivíduos e varia conforme a fase em que se encontra o indivíduo (criança, adulto e velhice), pois o espaço vivido naturalmente evolui conforme a fase (FRÉMONT, 1976).

Para conhecer a essência dos fenômenos que estruturam esse mundo vivido do indivíduo, é necessário explorar a abordagem fenomenológica para descrever o mundo cotidiano da experiência imediata do homem, da paisagem em que ele vive, sente e experimenta (NOGUÉ, 1992).

A abordagem fenomenológica nos estudos geográficos permite restabelecer a relação entre o mundo e as significações, possibilitando compreender a constituição do mundo, mais atenta a essência dos conceitos de espaço, homem e experiência, no qual o lugar contempla as aspirações de um povo (KASHIWAGI, 2011). Na perspectiva fenomenológica, compreender o significado das experiências humanas resultantes das relações do homem e meio implica no aprofundamento da categoria geográfica “lugar”. Essas experiências desencadeiam aspectos subjetivos de um espaço, constituindo centros de significação que originam os lugares, o mundo vivido do indivíduo (HERRERO, 1995).

Nesse contexto, Herrero (1995) destaca a contribuição das reflexões do geógrafo Yi-Fu Tuan sobre a afetividade, sentimentos que existem na relação que liga o homem com o lugar, considerando que compreender essa relação, numa perspectiva fenomenológica, é fundamental para apreender os significados de uma paisagem. Tuan (1983) afirma que no momento que conhecemos melhor um espaço, atribuímos valor a ele, o espaço ora indiferenciado adquire significação e transforma-se em lugar. No espaço o sentimento é de liberdade e no lugar é de acolhimento, segurança, mas ao mesmo tempo que sentimos apego a um lugar, desejamos a liberdade sugerida pela ideia do espaço.

Tuan (1980) observou que esse sentimento de ligação do indivíduo com o lugar, não necessariamente se traduzia em um sentimento agradável, considerando que os sentimentos poderiam variar entre amor, rejeição, indiferença e idolatria. Tuan buscou mostrar como as pessoas se sentiam nos lugares, considerando as diferentes maneiras de experienciar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e propõe para as análises geográficas os termos Topofilia, Topofobia, Toponegligência e Topoidolatria, os quais constituíram as bases de muitos estudos de lugar e paisagem.

Desde as mais remotas concentrações humanas, o sentimento de apego pelo lugar era responsável pelo ordenamento da ocupação do espaço, seja para formar lugares de dominação ou para se protegerem do mundo exterior. Esse sentido de apego pelo lugar tornou-se um dos principais componentes do comportamento humano, responsável pela formação de guetos e zonas de grupos étnicos, setorizando os espaços e transformando-os em lugares (BAILLY, 1979).

O comportamento humano se reflete na percepção que o homem tem sobre um lugar e no processo de interação com o meio ambiente, o qual seleciona as informações percebidas, armazena-as na memória e confere-lhes o significado. A forma como o indivíduo se apropria do espaço é que constrói o sentido pelo lugar. Nessa apropriação do espaço, vivido, o lugar se reflete seja na própria casa, na rua, na praça, ou no bairro, concentrando múltiplas relações a partir de sua função social (KOZEL, 2001).

Com essa breve contextualização teórica sobre a abordagem fenomenológica e sua contribuição nas análises do geográfico, entendemos que os espaços ao adquirirem valores, significados, se transformam em lugares. E que as formas de ocupação, apropriação desses lugares, podem configurar em uma re-produção de lugares, a partir da percepção ambiental dos indivíduos, configurando novos espaços de identidade territorial, neste caso, nas áreas rurais do município de Paranaguá.

Percepção ambiental e significados atribuído aos lugares

Vicente Del Rio e Livia de Oliveira (1999), precursores dos estudos de percepção ambiental no Brasil, afirmam que muitas pesquisas brasileiras foram influenciadas pela abordagem fenomenológica de Yi-Fu Tuan para o estudo da percepção ambiental dos lugares e paisagem. Na obra de Tuan (1980) “Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” o autor propõe a análise dos espaços geográficos numa abordagem mais humanista, fortalecendo a consolidação da Geografia Humanística no Brasil. Nessa perspectiva fenomenológica, a percepção ambiental dos indivíduos é única, pois o mundo vivido de cada um se consolida a partir das diferentes formas cognitivas de apreensão dos fenômenos, as quais diferem conforme o desenvolvimento intelectual e capacidade de expressão (OLIVEIRA, 2002).

Para Tuan (1980) os sentidos do ser humano (visão, tato, olfato, audição e paladar) influenciam na percepção ambiental, significativamente, possibilitando uma percepção de mundo muito além do que a própria visão pode oferecer. Oliveira (2002) afirma que para perceber o mundo é preciso considerar os sons, odores e sensações, utilizando todos os sentidos no processo perceptivo dos lugares. Ressalta que a visão permite dar ao indivíduo a sensação daquilo que vê, e, a percepção permite dar o significado que queremos atribuir as sensações.

Ferrara (1999) considera a percepção ambiental como estudo da linguagem que o homem desenvolve para intervir na natureza e construir o seu espaço. Nesta interação a natureza apresenta-se como realidade ambiental transformada e adaptada às necessidades humanas. A representação dessa mudança ocorre por marcas e sinais que se multiplicam na imagem, nos comportamentos, nos hábitos, nas expectativas e nos valores urbanos, os quais constituem a área de investigação da percepção ambiental. Essa representação abordada pela autora se faz por meio de signos, ou seja, um objeto é representado e a quem se dirige é uma representação.

Oliveira (1999) considera que a percepção ambiental pode ser estudada pela linguagem gráfica, representada por meio de mapas como um instrumento de registro, armazenamento de informação, de expressão e comunicação. A autora salienta que ao se trabalhar mapas com crianças é preciso examinar a teoria de Piaget, pois a noção de espaço e a sua representação não derivam simplesmente da percepção. A atividade perceptiva da criança se dá a partir da inteligência que atribui significados aos objetos

percebidos conforme a fase em que se encontra.

Considerando que na percepção Ambiental são atribuídos significados aos lugares Olivia e Camarero (2002) salientam que na descrição do sentido nas experiências de um indivíduo existe um conflito entre o real e o simbólico, pois a identificação dos símbolos locais é visível somente pelos grupos que os evocam. A apreciação configura um mundo de sentidos e significados, os quais delimitam e outorgam sentido a uma outra realidade cotidiana, com suas próprias representações. Os indivíduos são tomados por expressões metafóricas, nas quais se condensam sentimentos que suscitam uma realidade experienciada. Esses sentimentos aflorados revelam a ligação dos indivíduos com os lugares como se pertencessem a eles ou nele estivessem enraizados. Essa sensação são originadas pelas marcas que um lugar deixa na memória dos indivíduos, fazendo-os sentirem como se fossem “filhos do lugar”

Escolas do Campo da Colônia Pereira e da Comunidade de Amparo

Essa pesquisa teve como sujeitos de investigação os moradores da área rural e insular de Paranaguá, em especial, as crianças das Escolas Municipais do Campo de Colônia Pereira e da Comunidade de Pescadores de Amparo. O município de Paranaguá possui 15 escolas do campo, todas situadas geograficamente distantes do centro urbano, dificultando a execução de atividades complementares como participação em eventos culturais, feiras acadêmicas e exposições educativas, entre outras. O isolamento geográfico faz com que os professores sejam criativos e utilizem os recursos disponíveis para as atividades pedagógicas.

Devido a essa especificidade, as escolas do campo têm autonomia para elaborar seu próprio projeto político pedagógico (PPP) para valorizarem nos conteúdos ensinados o contexto cultural, os saberes rurais e as tradições locais. As escolas do campo são regulamentadas pelo Decreto Federal n. 7352 de 4 de novembro de 2010, o qual define que são aquelas situadas em área rural ou aquelas situadas em área urbana que atende predominantemente as populações do campo. A política de educação do campo disposta neste Decreto enfatiza que as populações locais são os sujeitos que constituem a identidade das escolas do campo.

A escola do campo localizada na Colônia Pereira é denominada “Escola Municipal do Campo Cipriano Librano Ramos”, e a escola do campo na comunidade de pescadores de Amparo é denominada de “Escola Municipal do Campo Amparo”. As duas escolas possuem algumas características em comum, como por exemplo, o isolamento geográfico e situadas no entorno e/ou em áreas de preservação ambiental. Essa proximidade com a natureza tem possibilitado às professoras dessas escolas a realizarem atividades pedagógicas ao ar livre que substituem os recursos tecnológicos como computadores e internet, comuns nas escolas localizadas em centros urbanos.

A Escola Municipal do Campo Cipriano Librano Ramos está localizada na Colônia

Pereira, região rural do município de Paranaguá. Seu acesso é pela Rodovia Estadual PR-508, denominada de Rodovia Elísio Pereira Alves Filho, mais conhecida como Rodovia Alexandra-Matinhos. Antigamente, essa rodovia era conhecida como antiga Estrada das Colônias. A escola não possui uma data precisa de fundação, o primeiro documento que a Secretaria Municipal de Educação de Paranaguá possui é a autorização da Secretaria de Estado da Educação para funcionamento da escola sob a Resolução 3.768 de 1982. Em 1983 foi criada a Unidade Escolar “Escola Municipal da Colônia Pereira”, a partir do Decreto 1.281 de 1983. No Núcleo Regional de Educação de Paranaguá, nos arquivos mais antigos, existe uma lista com nomes de alunos e conceito final de aprovação que poderiam comprovar a existência dessa escola desde o ano de 1963. Em 10 de fevereiro de 2003, a Secretaria do Estado de Educação passou a denominá-la de Escola Municipal do Campo Cipriano Librano Ramos. Atualmente atende alunos dos anos iniciais do 1º ao 5º do ensino fundamental I.

A Escola Municipal do Campo Amparo está localizada em Amparo, uma comunidade de pescadores com acesso somente pelo mar, por isso o lugar é mais conhecido como Ilha de Amparo, o isolamento geográfico a aproxima com a característica insular. Amparo está dentro de uma Unidade de Conservação, denominada Área de Proteção Ambiental (APA), do município de Guaraqueçaba, mas a Escola pertence ao Município de Paranaguá, pois sua existência é anterior a criação desta Unidade. Essa APA foi criada em 2002 e é administrada pelo ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) com o objetivo de assegurar a proteção de uma das últimas áreas representativas da Floresta Pluvial Atlântica. A comunidade de Amparo está situada na área rural de Paranaguá, e o meio de subsistência ainda é a atividade da pesca e trabalhos informais. Os alunos em sua maioria estão dentro da faixa etária normal para cada ano, não há evasão, pouca reprovação e alguns casos isolados de dificuldades de aprendizagem em decorrência do não acompanhamento dos pais. A Escola foi criada e autorizada pela Resolução nº 3.678 de 30 de dezembro de 1982. Atualmente atende alunos dos anos iniciais do 1º ao 5º do ensino fundamental I.

2 | METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia dessa investigação foi dividida em três fases: exploratória, pesquisa de campo e sistematização de dados. Essa distribuição por fases permite organizar os métodos que serão aplicados para o desenvolvimento de cada etapa da pesquisa.

Fase exploratória: Conhecendo o objeto de estudo e referenciais teóricos. Primeiras aproximações com os alunos da Escola, reconhecimento do entorno e áreas ambientais, consulta em legislações ambientais, resoluções, pesquisa bibliográfica relacionada a abordagem teórico-metodológica da pesquisa.

Fase de pesquisa de campo: Vivenciando o objeto de estudo e coletando os dados,

constituídos por:

a) Pesquisa ação-participante: Com essa metodologia buscou-se a construção do conhecimento a partir da observação e vivência do mundo. Participação ativa do pesquisador no cotidiano na realização da ação. Da observação coletiva do mundo, surgem perguntas, surgem também ideias de como fazer diferente e melhor. O grupo analisa e faz uma reflexão crítica da situação e, por meio do diálogo, constrói um novo conhecimento a ser testado na prática, por meio da ação. Depois da ação, olha para o resultado, dialoga novamente no coletivo e avalia as conclusões. Novas perguntas e novas ideias surgem, dando origem a novos ciclos de pesquisa-ação. É no contexto dessa ação coletiva de intervenção sobre a realidade que o sujeito elabora os seus conhecimentos e desenvolve as suas competências. Ao realizar a pesquisa-ação, o conhecimento é construído sem que alguém o transmita para ser reproduzido. A força desse conhecimento se dá pela vivência e a pessoa se convence pelo fato vivido e refletido no coletivo. Assim, o conhecimento é apropriado e aplicado na prática cotidiana.

Nesse processo, pesquisadores, técnicos, educadores e comunidade se colocam numa postura dialógica horizontal, onde a realidade local e a diversidade de saberes exercem papel fundamental na condução do processo de construção do conhecimento (GADOTTI, 2001). Dessa forma, possibilita uma participação ativa das pessoas, caracterizando um processo pedagógico dinâmico e interativo. Essa participação gera corresponsabilidade, de modo que a própria comunidade se apodere do processo de identificação, análise e solução dos problemas.

É de fundamental importância para uma melhor compreensão e até mesmo para serem tomadas medidas ou demonstrar as possíveis necessidades, que essa pesquisa procura elucidar, o método da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1987). É um método que pensa a prática acadêmica para além da relação entre a teoria e a prática, o qual se descentra o núcleo social das *práxis* universitárias. A pesquisa deixa de servir unicamente a ideologia desenvolvimentista dominante para direcionar práticas de desenvolvimento local valorizando a cultura tradicional e a ação dos detentores desta.

b) Vivências com a natureza: Com a metodologia desenvolvida por Joseph Cornell (2008) se buscou o aprendizado sequencial por meio da percepção consciente com a natureza. Com esse método os educadores aprendem a harmonizar o nível de entusiasmo de um grupo, conduzindo-os para um contato mais dinâmico com o mundo natural. Essa metodologia ficou conhecida depois da publicação do livro “Sharing Nature with Children” em 1979 e traduzido em diversos idiomas. Tem sido usada por diversos educadores ao redor do mundo. Em 1996 foi traduzida para o português com o título de “Brincar e aprender com a natureza” e reeditado em 2005 com o título “Vivências com a Natureza 1”. Joseph.

Nesse método o maior desafio é concentrar a atenção de crianças cheias de energia e vivacidade para conduzi-las à experiências profundas com a natureza, sutis e repletas de preciosos significados (CORNELL, 2008). O Aprendizado Sequencial descreve o modo de

se utilizar as atividades na natureza com um propósito que segue uma direção. A beleza do Aprendizado Sequencial consiste em mostrar ao educador como começar as atividades a partir do nível do grupo, para então elevar o seu entusiasmo, e guiá-lo à atividades sensoriais e experiências mais profundas (CORNELL, 2008).

O aprendizado sequencial de Cornell divide-se em quatro fases:

Fase 1: Despertar o Entusiasmo

Fase 2: Concentrar a Atenção

Fase 3: Experiência direta

Fase 4: Compartilhar a Inspiração

Resumidamente cada uma das fases consiste em: i) Fase 1: sem entusiasmo não é possível uma experiência significativa com a natureza. Deve-se considerar o entusiasmo como um interesse crescente e intenso, pois sem isso se aprende muito pouco; ii) Fase 2: a aprendizagem necessita de atenção, vai para além do entusiasmo, pois com pensamentos dispersos não é possível estar atento para perceber a natureza ou outra coisa; iii) Fase 3: na medida em que se concentra a atenção, a consciência do que se vê, ouve, toca, cheira, aumenta e com mais atenção nos tornamos mais capazes de sintonizar com o ritmo e fluxo na natureza. Essa fase conduz a uma experiência direta com a natureza; e iv) Fase 4: ao compartilhar fortalece-se e traz-se a luz nossa própria experiência (CORNELL, 2008).

c) Mapas mentais: A utilização de mapas mentais como ferramental para coleta de dados é vista de forma positiva, em especial, por crianças. A solicitação de realização de um desenho a partir das vivências com a natureza conduzem a finalização dessa fase de pesquisa de campo de forma divertida e agradável para as crianças.

Os mapas mentais são representações mentais do cognitivo das crianças e representa a intenção primeira de visão de mundo. O embrião dos estudos sobre imagens mentais está na Psicologia Social, que buscava compreender as representações sociais e cognitivas do indivíduo e de uma coletividade. As pesquisas com imagens espaciais eram denominadas de mapas cognitivos, mapas conceituais e posteriormente mapas mentais. O desvendar do significado das imagens mentais iniciou a partir da consolidação da Geografia da Percepção e Comportamento, nos anos de 1960 (KOZEL, 2001).

O uso dos mapas mentais como ferramenta de investigação despertou o interesse de psicólogos, antropólogos, arquitetos urbanistas e geógrafos. Entre os arquitetos urbanistas, destaca-se Kevin Lynch por ser o pioneiro na utilização de mapas mentais para avaliar a qualidade visual das cidades por meio da percepção das pessoas sobre o seu entorno. Constatou que as pessoas tinham visões próprias sobre os lugares, territórios e dos seus cotidianos. Os mapas mentais anunciavam a abertura de um novo caminho no desvendar dos símbolos de uma cidade (LYNCH, 1997).

Nos mapas mentais aplicados em crianças entre 4 a 7 anos é importante considerar a maturação mental e mais especificamente a relação com os espaços geográficos. Conceitos como cidade se fundem com a representação de país, região ou continente

com a cidade. Isso significa que a representação cartográfica das crianças reflete uma relação de tipo topológica com mapas pictóricos ou fragmentados. São mapas mentais descoordenados que não respeitam escala, direção, orientação, distância, sendo uma representação emotiva e egocêntrica, pois primam pelos aspectos mais relevantes e vivenciais. O modo de observação da criança é egocêntrico e sincrético, e, não distingue as partes do todo (HERRERO, 1995).

O mapa mental é o processo de desenvolvimento da percepção de um indivíduo sobre uma paisagem real que a partir de fatores internos e externos resulta na construção do comportamento que este indivíduo tem sobre esta paisagem. O mundo que o homem percebe é o seu mundo real vivido e suas informações são filtradas por seus sentidos, fatores psicológicos, culturais, sociais e econômicos formando uma imagem residual na memória que passa a receber uma significação e valor (HERRERO, 2001).

Nogueira (2004, p. 125) mostra-nos que estudos recentes apontam os mapas mentais como metodologia de investigação nos debates de percepção ambiental, percepção de paisagens e nos trabalhos de antropologia. Nesse sentido, um bom exemplo de aplicação de mapas mentais como ferramental metodológico está na pesquisa de Kozel (2001), “Imagens e linguagens do geográfico: Curitiba capital ecológica”, em que a autora utiliza os aportes teóricos e metodológicos de mapas mentais para investigar pelo olhar de 4 grupos de sujeitos – morador (geral, estudantes do Ensino Fundamental e estudantes do 3º grau) e não morador – a percepção deles sobre “Curitiba a capital ecológica”. Com o caminhar natural de um tema instigante como o mapa mental, Kozel (2001) considerando o mapa mental como um “texto”, e na busca de interpretação, desenvolveu uma metodologia que possibilitou uma análise criteriosa dos signos existentes nos mapas mentais. Esse modelo foi implementado com algumas adaptações por outros pesquisadores, comprovando a validade científica dessa metodologia, atualmente, conhecida como “Metodologia Kozel”.

Fase de sistematização de dados: Para sistematizar os dados utilizou-se a metodologia Kozel (2001) para a análise e interpretação dos mapas mentais.

A metodologia de Salete Kozel (2001) fundamenta-se nas teorias sógnicas e na abordagem sócio-interacionista-bakhtiniana para desvendar o significado dos signos de uma imagem, contribuindo nas análises espaciais e compreendendo a lógica dos atores, desde as aspirações individuais aos sistemas de valores dos grupos sociais.

Consiste de três momentos: 1) classificar os mapas a partir das categorias ou parâmetros; 2) associar às entrevistas dos indivíduos, atores da investigação; 3) Os elementos identificados nos mapas mentais são analisados por meio das teorias lingüísticas (Bakhtin) para, então, compreender a intencionalidade dos significados das imagens, considerando o mapa mental como um texto.

No primeiro momento os parâmetros para a classificação dos mapas são: a) a interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem; b) a distribuição dos elementos da imagem, quanto à especificação dos ícones (pela representação

de elementos da paisagem natural, da paisagem construída, dos elementos móveis e humanos); c) a apresentação de outros aspectos ou particularidades.

Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem: nesta categoria de classificação os mapas são distinguidos pela sua diversidade de formas representativas, que são identificadas por ícones ou formas de representação gráfica por meio de desenho; letras, isto é, palavras complementando as representações gráficas; e mapas, formas de representação cartográfica que evidenciam a espacialização do lugar.

Interpretação quanto à distribuição dos elementos da imagem: nesta categoria as representações mentais são classificadas segundo a disposição da imagem.

- Representação da imagem em perspectiva;
- Representação da imagem em forma horizontal;
- Representação da imagem em forma circular;
- Representação da imagem em forma de quadros e quadras;
- Representação da imagem de maneira dispersa;
- Representação de imagens isoladas.

Interpretação quanto à especificidade dos ícones: nesta interpretação, as imagens são classificadas quanto à forma e a distribuição, partindo-se do mais simples ao complexo, com intenção de detalhar ainda mais a análise, especificou-se os ícones que compõe a imagem em quatro grupos.

- representando elementos da paisagem natural;
- representando elementos da paisagem construída;
- representação de elementos móveis;
- representação de elementos humanos.

No segundo momento, os mapas mentais são associados às entrevistas para se desvendar o mundo vivido do indivíduo, as relações de afetividade e os valores simbólicos do lugar representados nas imagens mentais. Nesta associação identificam-se os elementos sógnicos de maior relevância para a análise.

No terceiro momento, os elementos identificados são analisados por meio da teoria lingüística de Bakhtin. Nesta fase de análise geram-se tabelas e gráficos para confrontar os dados e por fim compreender a intencionalidade dos significados das imagens.

A metodologia Kozel se mostra a mais complexa, pois vai além da classificação dos mapas mentais ao alcançar a interpretação dos mesmos com os aportes das teorias sógnicas e lingüísticas. Uma metodologia elaborada a princípio para as análises dos mapas mentais de sua pesquisa de doutoramento, a qual foi sendo utilizada, com algumas adaptações, por outros pesquisadores da Geografia, Arquitetura, Turismo, demonstrando suas interfaces interdisciplinares.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Essa pesquisa buscou investigar a partir da percepção ambiental dos indivíduos a configuração de novos espaços de identidade territorial decorrentes do isolamento geográfico em áreas rurais e insulares no município de Paranaguá-PR. Foram realizadas atividades a partir da metodologia de Joseph Cornell, respeitando o aprendizado sequencial das crianças. As turmas das Escolas Municipais do Campo são multiseriadas, ou seja, a sala de aula é compartilhada por alunos da 1ª a 5ª série, totalizam 29 alunos participantes da Escola Municipal do Campo de Colônia Pereira e 28 alunos participantes da Escola Municipal do Campo de Amparo. As atividades práticas foram desenvolvidas coletivamente, oportunizando a participação de todos os alunos, mas levando em consideração a maturação mental de cada um na apreensão dos significados das atividades.

Nas duas Escolas investigadas o objetivo da aplicação da metodologia de Joseph Cornell foi despertar o sentimento de topofilia (afetividade ao lugar) nos educandos, conciliando as práticas de Educação Ambiental desenvolvidas durante as aulas ao ar livre com o sentimento de pertencimento e construção da identidade territorial no espaço vivenciado. Seguindo a sequência didática de Cornell buscou-se despertar na 1ª Fase o entusiasmo das crianças ainda na sala de aula, apresentando referenciais teóricos sobre o meio ambiente e natureza a partir da literatura presente nos livros didáticos e quando possível por meio da internet. Com conhecimento preliminar do tema, partiu-se para a 2ª Fase, instigando os alunos a concentração nas metodologias de aplicação das atividades lúdicas que seriam desenvolvidas fora da sala de aula. Com referenciais teóricos e metodológicos constituídos, os alunos entusiasmados partiram para 3ª Fase da experiência direta na prática, vivenciando com a natureza o território no entorno da escola.

Nessa Fase das atividades de vivências com a natureza objetivou-se o reconhecimento do local a partir de brincadeiras lúdicas, e explorando os lugares aonde as crianças residem. Os alunos foram instigados a explorar os outros sentidos além da visão, aguçando a audição, o olfato e o tato, para perceberem a paisagem, os sons dos pássaros, dos animais, o cheiro da floresta, e o sabor das águas doce e salgada, da cachoeira e do mar, e a temperatura gélida do rio e do mar. As crianças interagiram com um “novo” território já conhecido para eles, observaram tudo a sua volta com outros olhos, e, naquele momento perceberam que o entorno da escola não era apenas uma extensão da sala de aula, era um lugar com muita simbologia.

Na 4ª Fase os alunos, em sala novamente, ainda eufóricos pela experiência foram motivados a reproduzirem suas impressões por meio de mapas mentais, bem como depois descrevê-los a turma e relatar suas sensações e percepções ambientais. Foi um momento de muita descontração, alegria, conversas e risos. Aos poucos a conversa individual foi dando lugar a uma conversa coletiva, com muita interação e respeito com a percepção do outro. Os alunos destacaram que o silêncio nas atividades de vivências com a natureza é

fundamental, pois permite ouvir o som da mata, a conversa entre as árvores, o canto dos pássaros e a sinfonia do som das águas tocando as pedras. A alegria dessas crianças nessas experiências foi imensurável, mostrando a magia simbólica da re-produção dos lugares a partir da percepção Ambiental. As crianças redescobriram e ressignificaram o espaço onde cresceram e constituíram novos espaços de identidade territorial.

Constatou-se que um dos elementos sógnicos mais destacados nos mapas mentais foi a “Água”, pois está muito presente na vida dos alunos da Colônia Pereira, na qual existe o rio Colônia Pereira percorrendo por toda a comunidade, e, na comunidade de Amparo, cuja baía de Paranaguá margeia toda a extensão da comunidade. Os alunos representaram nos mapas mentais as suas percepções das atividades desenvolvidas ao ar livre, nas descrições dos mapas mentais e relatos foi considerado a maturidade mental de cada criança para se compreender o mundo vivido delas. Na sistematização dos dados por meio da aplicação da metodologia Kozel (2001), caracterizou-se os signos representados nas imagens mentais, possibilitando o desvelar de elementos que configuram uma nova identidade territorial, constituída pela re-produção dos lugares vividos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa na perspectiva da Geografia Humanista, em sua vertente fenomenológica, buscou, por meio das vivências com a natureza, estimular as crianças de comunidades rurais e insulares, isoladas geograficamente, a ressignificar o lugar aonde vivem. Com experiências práticas e lúdicas ao ar livre, estimulou-se na criança o desenvolvimento da relação com a natureza, com mais significação e novos referenciais de identidade territorial. A percepção ambiental é única para cada criança e distingue-se conforme a sua maturidade mental e o ambiente aonde ela vive. Constatou-se com essa investigação que o mundo vivido e percebido de cada indivíduo reflete na constituição da re-produção dos lugares, do sentimento de pertencimento, de apropriação do espaço e da configuração de novos espaços de identidade territorial.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B. A evolução do pensamento geográfico e a Fenomenologia. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 11, n. 21/22, p. 67-87, jan./dez. 1999.

BAILLY, A. S. **La percepción del espacio urbano**. Tradução de Jesus J. Oya. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1979.

BRASIL Decreto n. 7.352, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 5 nov. 2010. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/D7352.htm >. Acesso em: 19/07/2022.

CORNELL, J. Vivências com a Natureza: guia de atividades para pais e Educadores. 3.^a ed. São Paulo: Aquariana, 2008.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Org.) **Percepção ambiental**: a experiencia brasileira. 2.ed São Paulo: Studio Nobel, 1999.

ENTRIKIN, J. N. O Humanismo contemporâneo em Geografia. Tradução de Lucila Elisa Lorenz Goes. **Boletim Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 10, n. 19, p. 5-30, 1980.

FERRARA, L. D. A. As cidades ilegíveis: Percepção Ambiental e cidadania. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Org.) **Percepção ambiental**: a experiencia brasileira. 2.ed São Paulo: Studio Nobel, 1999.

FRÉMONT, A. **La région espace vécu**. Paris: Presses Universitaires de France, 1976. p. 195-223.

GADOTTI, M. Convite à leitura de Paulo Freire. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

GARCÍA BALLESTEROS, A. (Org.) **Geografía y Humanismo**. Barcelona: Oikos-Tau, 1992. p. 87-96.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HERRERO FABREGAT, C. **Geografía y Educación**: sugerencias didácticas. Madrid: Huerga y Fierro, 1995.

KASHIWAGI, Helena Midori. **Representações da paisagem no Parque Nacional de Superagui**: a homonímia signíca da paisagem em áreas preservadas. 2011. 274f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Defesa: Curitiba, 03/06/2011.

KOZEL TEIXEIRA, S. **Das imagens às linguagens do geográfico**: Curitiba, a “capital ecológica”. 2001. 310 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NOGUEIRA, A. R. B. Uma Interpretação Fenomenológica na Geografia. In: SILVA, A. A. D. da; GALENO, A. (Orgs.) **Geografia**: Ciência do Complexus. Ensaios Transdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 209-236.

NOGUÉ I FONT, J. El paisaje existencial de cinco grupos de experiência ambiental: ensayo metodológico. In: GARCÍA BALLESTEROS, A. (Org.) **Geografía y Humanismo**. Barcelona: Oikos-Tau, 1992. p. 87-96.

OLIVA, J; CAMARERO, L. A. **Paisajes sociales y metáforas del lugar**. Navarra: Universidad Pública de Navarra, 2002.

OLIVEIRA, L. Percepção e representação do espaço Geográfico. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Org.) **Percepção ambiental**: a experiencia brasileira. 2.ed São Paulo: Studio Nobel, 1999.

OLIVEIRA, Livia de Oliveira. A percepção da qualidade ambiental. Cad. Geografia, Belo Horizonte: v.12, n. 18, p. 40-49, 1º sem. 2002.

THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). Repensando a pesquisa participante. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 82-103.

TUAN Y. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Água 13, 23, 51, 55, 57, 81, 103, 104, 105, 106, 110, 114, 127, 145, 148, 149
Ambiente 4, 5, 12, 13, 15, 24, 28, 30, 31, 33, 48, 50, 53, 54, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 81, 82, 83, 103, 109, 113, 114, 135, 136, 137, 139, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151
Análise 1, 3, 5, 8, 10, 11, 17, 24, 30, 34, 36, 41, 43, 46, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 69, 70, 76, 78, 79, 82, 83, 84, 103, 105, 113, 120, 122, 127, 131, 147
Aprendizagem 7, 9, 141, 156

C

Cidadania 14, 136
Cidade 9, 10, 14, 133
Conhecimento 8, 12, 20, 29, 34, 47, 73, 77, 78, 114, 134, 139
Contexto 4, 6, 8, 35, 68, 70, 73, 81, 87, 119, 129, 137, 138, 140, 141
Costeira 58, 144, 145, 146, 155

D

Desenvolvimento 5, 7, 8, 10, 13, 16, 17, 28, 29, 30, 32, 36, 52, 68, 76, 81, 103, 107, 123, 125, 130, 138, 156
Dinâmica 17, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 82, 114, 123, 133, 144, 147

E

Educação 1, 6, 7, 12, 13, 48, 71, 81, 83, 134, 137, 140, 144, 150, 156
Ensino 7, 10, 71, 134, 136, 141, 142, 156
Escola 6, 7, 12, 69, 135, 136, 139, 140, 141
Espaço 2, 3, 4, 5, 12, 13, 14, 76, 77, 82, 83, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 145
Estudo 5, 7, 15, 17, 18, 31, 32, 35, 38, 41, 51, 53, 55, 59, 69, 71, 73, 74, 76, 78, 80, 82, 84, 105, 106, 108, 110, 136, 142, 147

F

Fonte 18, 19, 20, 22, 26, 27, 28, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 75, 78, 108, 109, 118, 123, 128, 136, 146, 149, 152, 153
Formação 4, 23, 29, 34, 39, 43, 80, 122, 136, 140, 143, 145

G

Geografia 1, 2, 3, 5, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 48, 70, 71, 73, 79, 83, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 143, 154, 156

Geotecnologias 32, 33, 34, 50, 51, 52, 68, 76, 78, 80, 81, 82

H

Heidegger 3, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Hidrografia 73, 74

Hidrográfica 47, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 84, 86

Humano 4, 5, 110, 116, 118, 121, 128, 130

I

Identidade 1, 2, 3, 5, 6, 12, 13, 18, 138

Importância 8, 17, 21, 29, 51, 73, 75, 76, 103, 118, 125, 138, 146

Investigação 1, 3, 5, 6, 7, 9, 10, 13, 116, 117, 118, 120, 122, 123, 124, 125, 128, 131, 132, 133, 134

L

Lugar 2, 3, 4, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 16, 18, 21, 22, 24, 25, 26, 29, 86, 88, 91, 94, 98, 126, 127, 128, 139, 140

M

Mapa 10, 18, 34, 37, 39, 40, 41, 42, 46, 48, 52, 69, 74, 75, 77, 78, 88, 103, 111, 112

Metodologia 1, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 36, 53, 55, 71, 83, 103, 107

Município 1, 2, 5, 6, 7, 12, 17, 18, 20, 22, 29, 48, 73, 84, 103, 104, 105, 111, 135, 136, 137

O

Ondas 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152

Organização 25, 53, 72, 73, 79, 81, 82, 83

P

Pesquisa 1, 2, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 18, 32, 33, 36, 68, 69, 71, 75, 76, 81, 111, 116, 117, 118, 119, 122, 123, 125, 126, 128, 131, 132, 135, 136, 137, 142, 156

Praia 20, 21, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

R

Relevo 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 80, 82, 103

Rio 5, 12, 13, 14, 24, 29, 30, 34, 35, 47, 48, 53, 58, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 103, 104, 105, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 133, 134, 136, 142, 143, 154, 155

Risco 82, 124, 136, 141, 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152

Rural 2, 6, 7, 47

S

Santos 1, 33, 47, 49, 71, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 134, 135, 143

SIG 33, 48, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 70, 71, 72, 75, 78, 82, 105, 107, 141

Sociedade 13, 28, 70, 73, 77, 78, 82, 103, 114, 119, 130, 136

Solo 34, 47, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 94, 97, 104, 106, 110, 113, 114

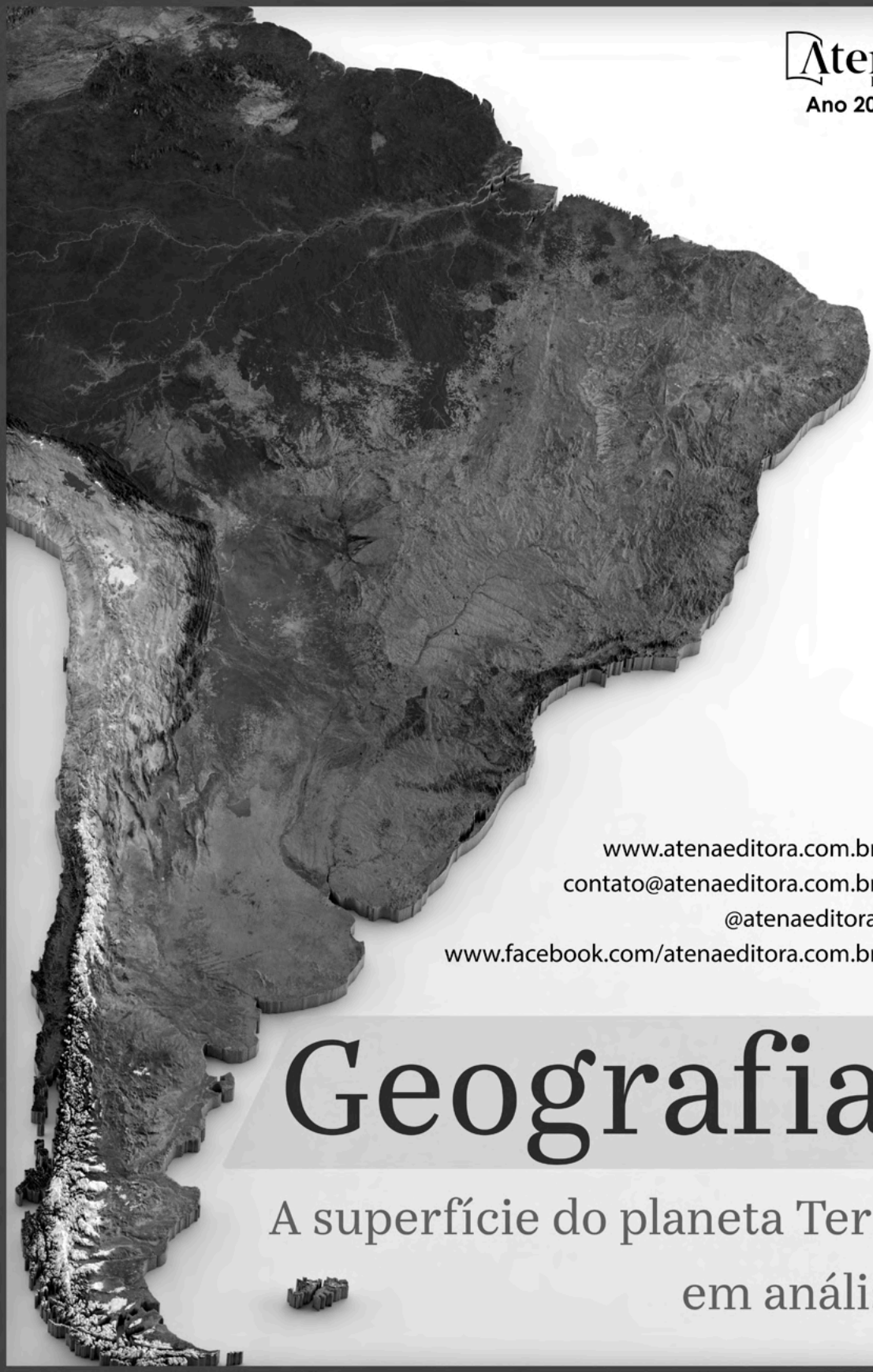
T

Terra 14, 20, 24, 26, 79, 103, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 121, 133

Trabalho 1, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 34, 50, 53, 54, 55, 57, 68, 73, 75, 81, 84, 103, 104, 105, 107, 108, 110, 111, 114, 116, 117, 118, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 130, 131, 132


U


Uruguai 50, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Geografia:


A superfície do planeta Terra
em análise






www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Geografia:

A superfície do planeta Terra
em análise